



O domínio da concessão: uma análise baseada nos usos de construções oracionais com *mesmo que*, *ainda que* e *se bem que*

The domain of concession: an analysis based on the uses of clause constructions with mesmo que, ainda que and se bem que

Maria Maura Cezario

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), CNPq, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
mmcezario@letras.ufrj.br

<http://orcid.org/0000-0002-1724-762X>

Thiago dos Santos Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
thiagosantos@letras.ufrj.br

<http://orcid.org/0000-0001-9165-8251>

Juliana Sant'anna

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
juliana.sant-anna@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-7118-6397>

Resumo: O artigo trata de uma análise de três construções similares na forma e na função: as orações adverbiais iniciadas *por ainda que*, *mesmo que* e *se bem que*, que tradicionalmente são consideradas orações adverbiais concessivas. A partir do princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), considera-se, nesta pesquisa, que tais construções, embora sejam do mesmo domínio semântico, apresentam diferenças contextuais. A partir de um conjunto de fatores linguísticos, comparam-se os usos de orações adverbiais iniciadas por esses conectivos. O trabalho utiliza os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que considera, em suas análises, os pressupostos funcionalistas norte-americanos, a abordagem construcionista baseada no uso e ainda outras abordagens, como a da

sociolinguística variacionista. A nossa pesquisa, voltada para questões sincrônicas, busca verificar as motivações para os usos de construções adverbiais com valor básico concessivo. O modelo construcional que instancia as cláusulas adverbiais é [CONNECT (S) V (C)]_{CLÁUSULA ADVERBIAL}. A pesquisa baseou-se na coleta e na análise de trezentos dados de construções oracionais adverbiais, sendo cem iniciadas com *ainda que*, cem com *mesmo que* e cem com *se bem que*, todos os dados extraídos da aba Web do *Corpus do Português*. A partir de um conjunto de fatores linguísticos, o trabalho se volta para a questão da variação, sobretudo no que se refere à análise das relações horizontais entre subesquemas. Os principais resultados apontam para diferenças nos usos principalmente em decorrência da maior ou menor subjetividade e da maior ou menor força de articulação de cada subesquema oracional e oração matriz.

Palavras-chave: construções oracionais adverbiais; concessão; articulação de orações.

Abstract: The article presents an analysis of three constructions that are similar in form and in function: the adverbial clauses initiated by *ainda que*, *mesmo que* and *se bem que*, that are traditionally considered to be concessive adverbial clauses. Taking account of the principle of non-synonymy (GOLDBERG, 1995), we consider that such constructions, despite they are from the same semantic domain, present contextual differences. Based on a set of linguistic factors, we compare the uses of adverbial clauses initiated by these connectives. We used the theoretical-methodological assumptions of Usage-based Linguistics, which considers, in its analyses, the North American Functionalist assumptions, the constructionist approach and other approaches, such as Sociolinguistics. Our research, dealing with synchronic questions, seeks to verify the motivations for the uses of adverbial constructions with concessive value. The constructional model pattern that instantiates adverbial clauses is [CONNECT (S) V (C)]_{ADVERBIAL CLAUSE}. The research was based on the analysis of three hundred data of adverbial clause constructions, being one hundred started with *ainda que*, one hundred with *mesmo que* and one hundred with *se bem que*, all extracted from the Web tab of the *Corpus do Português*. Based on a set of linguistic factors, the research focuses the issue of variation, especially with regard to the analysis of horizontal relationships between sub-schemas. The main results point to differences in uses mainly due to the greater or lesser subjectivity and the greater or lesser articulation strength of each clause and its matrix clause.

Keywords: adverbial clause constructions; concession; articulation of clauses.

Recebido em 01 de setembro de 2021

Aceito em 10 de novembro de 2021

1 Introdução

Neste artigo, apresentaremos uma análise de três construções similares na forma e na função: as orações adverbiais iniciadas por *ainda que*, *mesmo que* e *se bem que*, que tradicionalmente são consideradas orações adverbiais concessivas. Com base no princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), consideramos que as orações com *ainda que*, *mesmo que* e *se bem que*, embora façam parte do mesmo domínio semântico, apresentam diferenças nos seus contextos de uso. A partir de um conjunto de fatores linguísticos, compararemos os usos de orações adverbiais iniciadas por esses conectivos.

Coletamos e analisamos um total de trezentos dados de construções oracionais adverbiais, sendo cem iniciadas com *ainda que*, cem com *mesmo que* e cem com *se bem que*. Os dados foram coletados do *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), uma plataforma on-line que reúne textos de diversos gêneros discursivos, organizado em abas. Para nossa análise, coletamos os dados disponíveis na aba “Web”. Temos o objetivo de descrever as construções e explicar seus usos, observando aspectos formais e semântico-pragmáticos. Como estamos lidando, dentro de um determinado domínio semântico, com conectores sinônimos, queremos demonstrar diferenças contextuais (pragmáticas) em seus usos, assim como prováveis diferenças nos usos dos itens que podem aparecer no slot V. Dessa forma, demonstraremos que o princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995), como parte do princípio da iconicidade (tendência de haver uma forma para uma função), atua nos usos das orações em questão.

Utilizamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que é parte da corrente Usage-Based Linguistics (BYBEE, 2010, 2015; HILPERT, 2014, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A LFCU considera, em suas análises, os pressupostos funcionalistas norte-americanos, da abordagem construcionista baseada no uso e da sociolinguística (CEZARIO; ALONSO, 2019; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Trabalha com a concepção de gramática como uma rede de construções linguísticas, que são pareamentos forma-função criados pelo uso.

Um dos aspectos importantes no modelo teórico utilizado é a frequência de uso das construções. Bybee (2010) postula que construções morfossintáticas muito frequentes podem se entrincheirar na gramática

de uma língua e ser mais resistentes a mudanças. E a frequência alta tem um impacto mais forte na representação linguística, uma vez que a construção é acessada mais rapidamente do que as menos frequentes. A autora demonstra que, por exemplo, os modais do inglês (como *can*, *must* e *should*) têm uma sintaxe bem diferente dos demais verbos, porque a alta frequência de uso levou à fixação de uma sintaxe mais antiga na língua, quando se usava inversão do sujeito nas perguntas – sem os auxiliares *do/does/did* –, se usava a marca de negação *not* logo depois do verbo e quando não havia ainda a marca de infinitivo com *to*. Assim, como os modais são altamente frequentes, sua sintaxe está mais entrincheirada e, dessa forma, a mudança sintática geral não ocorreu com eles.

A autora postula também que a alta frequência de uma expressão é responsável pela criação de construções mais gerais e de analogias, por força coersitiva, como deve ter ocorrido com a construção do espanhol *quedarse X*, em que a forma mais frequente – *quedarse solo* – deve ter sido fonte para o uso de outros adjetivos como *solteiro* (*quedarse solteiro*). A forma mais frequente torna-se o exemplar fonte para outros usos. No exemplo dado, o traço ligado à ideia de solidão se mantém. A alta frequência de ocorrência de uma construção e a alta frequência de um tipo de elemento que preenche um *slot* podem tornar a construção ainda mais produtiva e esquemática.

O estudo das frequências de tipos leva-nos à melhor compreensão de padrões linguísticos. Assim controlamos a frequência de uso de construções oracionais adverbiais, procurando verificar os contextos de uso mais frequentes, como, por exemplo, verificar que itens verbais costumam ser mais frequentes com uma construção iniciada por *mesmo que* em comparação com *ainda que* e *se bem que*. Um outro exemplo foi o estudo da relação, em termos de frequência, entre posição da oração adverbial e a estrutura informacional (DIESSEL, 2013; LAMBRECHT, 1994).

Como dissemos, na LFCU, a unidade linguística mínima é a construção (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; HILPERT, 2014) e esta é a representação de uma unidade de conhecimento. A construção linguística é um pareamento forma-função conectada a outras construções em rede. Na face da forma do pareamento, estão as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; na face da função, estão as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas (cf. CROFT, 2004). Os falantes de uma língua memorizam as construções de sua língua, levando em conta os contextos de uso, as variações de som e de sentido, os links

formais, semânticos e pragmáticos com outras construções. O conjunto de construções de uma língua é o *constructicon*, conhecimento que contém construções de todos os tipos.

Nossa pesquisa busca verificar as motivações para os usos de construções adverbiais com valor básico concessivo. Partindo de uma visão construcional, entendemos que cada forma é uma instanciação de uma construção oracional adverbial mais abstrata, a construção [CONNECT (S) V [C]]CLÁUSULA ADVERBIAL, em que CONNECT é o conectivo que introduz a oração; S é o sujeito; V, o verbo e C o complemento ou adjunto. No caso desta pesquisa, CONNECT tem a forma sempre de [X QUE]. Dessa construção mais geral, são instanciados vários subesquemas como o esquema temporal, o causal e o concessivo, este último de interesse desse estudo. Vejamos alguns exemplos:

a) [[X QUE] (S) V (C)]_{CLÁUSULA ADVERBIAL TEMPORAL}

Exemplos:

- (1) Se você sabe que seu cão tem medo de trovão e fogos de artifício, pode ser útil ficar com ele e acariciá-lo acalmando-o **sempre que uma situação barulhenta acontecer**. (Corpus do Português)
- (2) **Toda vez que ela perde um pedaço de pele ela grita de dor**. Eu não posso fazer nada para protegê-la, e isso corta meu coração”. (Corpus do Português)

b) [[X QUE] (S) V (C)]_{CLÁUSULA ADVERBIAL CAUSAL}

Exemplos:

- (3) Signos são os instrumentos psicológicos orientados para o próprio indivíduo (marcas, desenhos, gráficos, etc.). **Posto que estes mediadores são construídos em sociedade**, e que estes são fundamentais para o desenvolvimento dos processos cognitivos superiores, deduz-se que, na ausência destes instrumentos, não ocorrerá desenvolvimento de capacidades cognitivas tipicamente humanas. (Corpus do Português)

(4) **Dado que essa é uma promessa para o futuro que o Banco vem fazendo desde 2009** (promessa que vai esticando anualmente os prazos), suas projeções perderam credibilidade. (Corpus do Português)

c) **[[X QUE] (S) V (C)]** CLÁUSULA ORAÇÃO ADVERBIAL CONCESSIVA

Exemplos:

(5) A verdade é que o Mundial não começou da melhor forma possível para o Panamá. Foi com uma derrota diante da favorita Bélgica, por 3-0, que os panamenhos iniciaram o trajeto na competição **ainda que seja compreensível a diferença de qualidade entre os dois conjuntos** (Corpus do Português)

(6) A dignidade da pessoa humana, assim como o núcleo essencial dos direitos fundamentais de um modo geral, não pode ser pura e simplesmente funcionalizada em prol do interesse público, **mesmo que este seja compreendido como interesse socialmente relevante de uma comunidade de pessoas**. (Corpus do Português)

(7) Há um ponto crítico, e você não precisa chegar lá passando primeiro por um leito de hospital, nem por um centro de tratamento ou por uma prisão, **se bem que muitas mulheres somente chegaram a Alcoólicos Anônimos depois de atingirem esses estágios mais avançados de a doença**. (Corpus do Português)

Para facilitar a apresentação, vamos tratar os subtipos aqui estudados assim: [ainda que oração], [mesmo que oração] e [se bem que oração].

No estudo dessas construções, levamos em conta também conceitos muito importantes no Funcionalismo Norte-Americano, como figura e fundo, estrutura informacional; e atualizamos a pesquisa a partir de uma visão construcional, entendendo que cada forma é uma instanciação de uma construção oracional adverbial, mais abstrata.

2 A construção oracional adverbial

Buscaremos descrever os usos de construções oracionais iniciadas por *mesmo que*, *ainda que* e *se bem que*, levando em consideração as premissas, todas relacionadas aos modelos baseados (BYBEE, 2010, 2015; DIESSEL, 2019; GOLDBERG, 1995, 2006, 2019) no uso, de que

- a) construções morfossintáticas muito frequentes podem se entrincheirar na gramática de uma língua e ser mais resistentes à mudança;
- b) a frequência alta de uma construção linguística tem um impacto mais forte na representação mental, uma vez que é acessada mais rapidamente do que as construções menos frequentes;
- c) duas ou mais formas podem concorrer em contextos semelhantes e possivelmente há tendências contextuais diferentes para seus usos, conforme demonstram trabalhos da sociolinguística variacionista;
- d) o princípio da não-sinómia estabelece que duas construções formalmente diferentes são semântica e/ou pragmaticamente diferentes;
- e) a construção esquemática tem significado geral, não atribuído à soma das partes, mas os itens que podem preencher os slots também contribuem com seu valor.

A maior parte dos usos com essas construções estão inseridas em períodos compostos e para compreendermos melhor a relação dessas construções oracionais com outras a elas relacionadas, levaremos em consideração as três formas de relação entre orações propostas por Hopper e Traugott (1993), a saber:

- a) a parataxe ou independência relativa;
- b) a hipotaxe ou interdependência, em que há uma oração nuclear e uma ou mais marginais dependentes, mas não encaixadas;
- c) a subordinação ou encaixe, em que toda a cláusula marginal é constituinte da cláusula nuclear.

Na relação paratática, estão as orações tradicionalmente chamadas de coordenadas. As orações adverbiais e as adjetivas explicativas são orações hipotáticas, pois são dependentes das orações principais ou matrizes, mas não são encaixadas. As orações subordinadas substantivas e as adjetivas restritivas estão numa relação de subordinação com as orações matrizes, desempenhando papéis argumentais ou de adjunto adnominal.

O esquema que gera orações adverbiais iniciadas por conectivos do tipo X que é [[X que] (S) V[C]]_{cl adv} ou para facilitar a apresentação neste artigo [[X que] oração]. Tal esquema pode representar diversos tipos semânticos de orações adverbiais, algumas mais relacionadas por links metafóricos como tempo e causa, tempo e condição.

Sabemos, já pela tradição gramatical, que as orações adverbiais funcionam como circunstanciadores e constatamos, pela literatura funcionalista, que as orações adverbiais têm certa independência sintática da oração principal, funcionando como orações hipotáticas e não subordinadas propriamente ditas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). A gramática tradicional destaca, na sua descrição, a classificação semântica das orações adverbiais, como orações adverbiais temporais, condicionais, concessivas, causais etc. Pesquisas funcionalistas demonstraram que as orações adverbiais podem ter papel discursivo importante nos textos, pois podem iniciar um novo episódio numa narrativa (LI; THOMPSON, 1979; VAN DIJK, 1982); podem marcar o fundo numa narrativa (HOPPER, 1979; SILVEIRA, 1990, 1997), podem abrir um espaço mental (DANCYGIER; SWEETSER, 2000; FERRARI, 2011; VERHAGEN, 2000), etc. Embora haja um número grande de pesquisas sobre as orações adverbiais, ainda faltam pesquisas que busquem, dentro de um mesmo universo semântico de orações, verificar o papel dos elementos que aparecem no slot do conector, o papel pragmático de cada tipo de oração tendo em vista cada conector diferente e padrões lexicais, semânticos e morfológicos dos elementos que podem aparecer no *slot* V. Assim temos duas questões: que diferenças pragmáticas há quando se usa *mesmo que* ao invés de *ainda que* ou *se bem que*? E o que essas diferenças representam em termos cognitivos?

Além desses papéis semânticos e dos links semânticos apontados, as orações têm papéis discursivo-pragmáticos muito importantes, como já demonstraram várias pesquisas. Tais papéis são reflexos de aspectos da cognição humana para, por exemplo, apresentar o que é figura e o que é fundo na hora de apresentar uma informação, do que é informação nova e do que informação pressuposta de aberturas de frames.

Abordaremos aqui alguns desses papéis discursivo-pragmáticos com os quais lidamos direta ou indiretamente na análise dos dados. A apresentação desses papéis é relevante para, agora numa visão construcionista, reunirmos as características da construção oracional hipotática.

2.1 Planos discursivos

Baseado em pesquisas feitas por psicólogos e em observações de um grande número de línguas, Hopper (1979) postulou que, ao contar uma história, os usuários constantemente embalam as informações de acordo com as suas percepções acerca do fato, acerca das necessidades do ouvinte e dos objetivos comunicativos. Os pontos principais de uma história, ou seja, as ações, são vistos como figura (*foregrounding*) e os comentários, as avaliações ou ações secundárias são o fundo (*backgrounding*). Há línguas que marcam morfologicamente os planos discursivos, como a língua swahili, que tem um morfema verbal para expressar cada plano. Em línguas como o inglês e o português, os planos discursivos não são morfologicamente marcados, mas há um conjunto de características que marcam cada plano, como as apresentadas a seguir:

- a) figura (*foreground*): sequência cronológica; eventos reais, dinâmicos e completos; sujeitos previsíveis (tópicos), humanos, agentivos e volitivos; codificação morfossintática: orações coordenadas, principais ou absolutas; formais verbais perfectivas;
- b) fundo (*background*): eventos simultâneos; eventos não necessariamente completos e reais; situações estáticas, descritivas; situações necessárias para compreensão de atitudes (subjetividade), frequentes trocas de sujeitos, estrutura sintática: orações subordinadas (mas o fundo também pode ser codificado por orações coordenadas, absolutas ou principais), verbos não-perfectivos.

Todas as orações adverbiais aqui estudadas são consideradas orações de fundo, dentro do domínio da concessão. Num estudo mais detalhado dos planos discursivos, Silveira (1990; 1997) estabelece cinco níveis de fundidade – por ela denominada Hierarquia de Fundidade – demonstrando que há orações que Hopper considera de fundo, mas que têm mais traços semelhantes a uma oração figura prototípica. As orações adverbiais, dependendo de seu domínio semântico, têm papéis diferentes em termos de planos discursivos. As orações adverbiais temporais são mais próximas em termos pragmáticos e formais das orações figura do que as orações causais. Dentre os tipos semânticos das orações adverbiais, as orações concessivas, ao nosso ver, são as mais distantes das orações figura, pois são mais subjetivas e apresentam um uso formal e cognitivo mais complexo, uma vez que muitas se apresentam com verbo

no subjuntivo e expressam uma causa negada. O quadro 1 apresenta os níveis e as respectivas características:

Quadro 1 - hierarquia de fundidade

Categoria	Grau de objetividade (do mais para o menos icônico)	Características	Tipo de cláusula-fundo (relação funcional entre as cláusulas)
fundo 1	mais próximo do real, mais concreto	cláusulas-fundo que apresentam informações concretas sobre o evento	apresentação do evento; do cenário; dos participantes; ou da fala dos participantes.
fundo 2	ainda próximo do real, mas mais abstrato.	cláusulas-fundo que, através de circunstâncias, especificam o âmbito em que os fatos se deram	especificação de tempo; de modo; ou de finalidade.
fundo 3	próximo da estrutura do texto (mais abstrato e elaborado linguisticamente)	cláusulas-fundo que especificam vocábulos da cláusula anterior	especificação de referente; ou de processo/ação
fundo 4	próximo da interpretação do falante ao assistir ao evento	cláusulas-fundo que especificam relações inferidas dos fatos narrados	especificação de causa; de consequência; ou de adversidade.
fundo 5	próximo do ato de narração	cláusulas-fundo que apresentam interferências do falante no evento que está narrando	apresentação de opinião; de resumo; de dúvida; de conclusão; ou de canal.

Fonte: adaptado de Conceição (2010).

Na hierarquia acima, cláusulas temporais, por exemplo, estão na categoria fundo 2; as causais e as que expressam adversidade (as concessivas poderiam estar neste grupo) foram consideradas como fundo 4.

Concordamos com as postulações de Silveira (1990) de que as orações adverbiais não estão todas nos mesmos planos discursivos e que a gradação em vários graus de fundidade é muito importante para entendermos as estratégias discursivas do falante para apresentar sua perspectiva sobre os eventos.

2.2 Estrutura informacional

Há diversos pesquisadores (CEZARIO, 1995; CHAFE, 1976; GIVÓN, 1979, 1990, 1995; GOSKY, 1995; PAREDES DA SILVA, 1988; PRINCE, 1981; VAN DIJK, 1982) que se debruçaram sobre a relação entre estrutura linguística e o estatuto informacional de orações ou de sintagmas nominais, buscando verificar como o escritor/ouvinte embala a informação levando em consideração uma série de aspectos, como (a) a novidade ou não da informação, (b) a apreensão de inferências que o ouvinte/leitor pode fazer, (c) a quantidade de informação dada entre a última menção do referente e a sua reentrada no discurso, (d) o tipo de referente, se único, como o sol, Pelé, ou não, (e) se é animado ou inanimado, (f) se é humano ou não, (g) se é individuado ou não, (h) presença ou não de contraste entre informações, além de muitos outros elementos. Na nossa pesquisa, trabalhamos com a hipótese apresentada por Diessel (2013) de que há relação entre pressuposição e posição da oração hipotática em relação à oração matriz.

Lambrecht (1994) considera a informação pressuposta aquela que o escritor/falante apresenta com a convicção de que o ouvinte/leitor conhece ou pode inferir através do contexto discursivo. E, ao contrário, a informação não-pressuposta é a informação que não pode ser inferida do discursivo precedente. Segundo o autor, pressuposição é um fator pragmático, que tem a ver com conhecimento partilhado e com as expectativas do falante/escritor sobre cada pedaço de informação. Pressuposição não se confunde com informação nova e velha, nos termos de Chafe ou Prince, porque uma informação pode ser nova, no sentido de não mencionada no discursivo antecedente, mas pode ser pressuposta, pois o discurso precedente dá pista para o leitor/ouvinte compreendê-la como informação pressuposta.

Diessel (2013, p. 343) exemplifica de modo claro a diferença entre pressuposição e informação nova/velha.

- (8) “About 45 minutes later, Teresa Lewis called the police to report that her husband and stepson had been killed. But **when the police arrived**, Julian Lewis was still alive (...)

A oração temporal “when the police arrived” traz uma informação pressuposta, pois o discurso antecedente traz a informação de que a polícia foi chamada. Então o fato de a polícia chegar não é apresentado

como uma informação desconhecida. O que vem a seguir sim é a informação apresentada como não-pressuposta: a informação de que Julian Lewis estava ainda vivo.

Lambretch (1994, p. 52) opõe informação pragmaticamente pressuposta à asserção pragmática, que é a informação conhecida do falante/ouvinte. Nas suas palavras,

Pragmatic presupposition: the set of propositions lexicogrammatically evoked in a sentence which the speaker assumes the hearer already knows or is ready to take for granted at the time the sentence is uttered.

Pragmatic assertion: the proposition expressed by a sentence which the heard is expected to know or take for granted as a result of hearing the sentence uttered.

Nesta pesquisa, consideramos informação pragmaticamente pressuposta aquela já mencionada ou a informação que não foi mencionada, mas que pode ser inferida pelo discurso antecedente através de pistas linguísticas apresentadas. E a informação que não foi mencionada ou que não tem pistas no discurso antecedente para orientar o leitor/ouvinte levando-o a fazer inferência é denominada de informação não-pressuposta. Podemos ver que, ao informar o ouvinte/leitor sobre uma situação ou estado de coisas, o falante/escritor influencia a representação mental do mundo do ouvinte.

Diessel (2013) postula que, translinguisticamente, as orações adverbiais antepostas são mais dependentes das orações matrizes – com contorno entonacional ascendente que prepara o leitor/ouvinte para a informação que vem depois – e trazem informação pressuposta. O lado esquerdo da oração é o lugar típico das informações pressupostas e é lugar do tópico da oração. Deduzimos, pela sua análise, que as orações adverbiais que ocorrem depois das orações matrizes trazem informação não-pressuposta. Além disso, são orações mais independentes, com contorno entonacional de fechamento de frase.

Na nossa pesquisa, verificamos a relação entre posição da oração adverbial e pressuposição pragmática para testar a hipótese de Diessel sobre a relação entre ordenação linear e pressuposição. Além disso, com o estudo do papel do conector na construção adverbial, acreditamos que demos um passo a mais na direção da compreensão do papel do item (GOLDBERG, 2006) que preenche o slot conectivo na construção. Nossa expectativa é que haja diferença entre os usos das construções aqui estudadas.

2.3 Espaços mentais

Dancygier e Sweetser (2000) retomam fatores funcionalistas importantes como planos discursivos e estrutura informacional para verificar semelhanças e divergências nos usos de orações do inglês com *if*, *since* e *because*. Também estudam como essas conjunções participam da construção de espaços mentais e como cada tipo de espaço afeta o modo como as conjunções são usadas.

Um dos espaços é o **domínio do conteúdo**, um espaço que é sobre um estado possível de assuntos no mundo, como em *If his computer gets repaired, he'll finish the paper by Friday*.¹ O espaço mental é aberto a partir da condição estabelecida entre os dois eventos, em que o evento codificado pela oração com *if* é a condição para o outro evento ocorrer. Um outro espaço mental aberto por cláusulas condicionais é o que Sweetser (1990) e Dancygier e Sweetser (2000) denominam **espaço epistêmico**, como em *If he finished the paper by Friday, his computer must have gotten repaired*.² O espaço epistêmico aberto está relacionado com uma conclusão a partir de uma inferência criada com o evento codificado pela cláusula com *if*. Não há condição de ocorrência de um evento em função de outro evento. Um outro espaço mental é o do **ato de fala**, em que o falante faz o ato de fala logo depois de abrir o espaço mental com a oração *if*, como em *If I don't see you before Thursday, have a good Thanksgiving*.³ Um quarto espaço é o **espaço metalinguístico**, aberto com a oração com *if*, com uma menção ao próprio ato de fala como no exemplo a seguir em que a cláusula com *if* se refere à avaliação do uso da palavra noiva: *Chris wants you to meet her fiance, if that's the right word for him*.⁴

As conjunções parecem ter preferências para abertura de espaços mentais. Por exemplo, *since* com valor temporal tem preferência pelo espaço do conteúdo, mas com outros valores cobre outros espaços mentais.

Verhagen (2000), ao tratar de causalidade e de concessividade, afirma que períodos com orações causais em geral se referem a um só espaço mental, o do conteúdo, referindo-se a conteúdos factuais, como em (9); já os períodos com orações concessivas se referem a mais de um espaço mental, pois o espaço epistêmico sempre está presente, como em (10).

1 Dancygier e Sweetser, 2000, p.113.

2 Dancygier e Sweetser, 2000, p.114.

3 Dancygier e Sweetser, 2000, p.115.

4 Dancygier e Sweetser, 2000, p.116.

(9) João passou nas provas, porque ele estudou muito.

(10) Embora tenha estudado muito, João não passou nas provas.

O exemplo (9) se refere a dois espaços de conteúdo, sendo as duas factuais. O segundo período também se refere a espaços de conteúdo, mas também inclui uma contra expectativa, já que era esperado que João tivesse passado nas provas, pois havia estudado muito. A construção concessiva abre um espaço mental que permite ao ouvinte compreender que a expectativa expressa será negada através do que é expresso na oração principal. Assim as construções do domínio da concessão estudadas podem abrir um espaço do conteúdo – são as factuais – ou um espaço epistêmico, provocando no leitor a imagem mental de uma condição para que algo ocorra (são as não-factuais).

3 O domínio concessivo: comparando usos de orações com *ainda que, mesmo que e se bem que*

As construções adverbiais concessivas, como vimos na seção anterior, expressam concessividade em relação a uma oração matriz. A relação entre a adverbial e sua matriz é uma relação hipotática, pois há independência relativa entre ambas. Essas orações são mais dependentes das orações matrizes do que as orações temporais, com verbo geralmente no subjuntivo e contorno entonacional dependente.

As construções adverbiais concessivas são orações de fundo num grau alto de fundidade. Embora Silveira (1990, 1997) não mencione claramente, consideramos a concessão no grau 4, pois são orações que trazem informações mais subjetivas, em que o falante/escritor geralmente concorda com algo que é apresentado como sendo de conhecimento do ouvinte/leitor e depois acrescenta uma informação que possivelmente o ouvinte/leitor não conheça ou não concorde (BARTH, 2000).

Nossa análise focará os papéis semânticos e pragmáticos de cada microconstrução e a relação desses papéis com a posição da oração hipotática e oração matriz. Para o estudo de diferenças pragmáticas, verificamos se há relação entre posição da oração adverbial e estrutura da informação, procurando saber se orações adverbiais que ocorrem antes da matriz apresentam informação pressuposta e orações adverbiais na segunda posição em relação à matriz apresentam informação não-pressuposta,

como informa a literatura na área; buscamos verificar se há diferenças de usos de orações com conectivos sinônimos com *ainda que* e *mesmo que*, por exemplo, em termos de orações que expressam factualidade ou eventualidade. Verificamos se um determinado tipo de oração é mais usado com determinados tipos semânticos de verbo, assim como verificamos padrões ligados a modos verbais. Dessa forma, estamos lidando com o tema variação construcional, observando construções oracionais cujos conectivos (slot CONECT) teriam um valor semântico semelhante (HILPERT, 2014; MACHADO VIEIRA, 2020; TROUSDALE, 2021).

A análise dos cem dados com *mesmo que* e *ainda que* mostra que há, dependendo do contexto, dois sentidos: o concessivo-condicional e o concessivo. No primeiro, apenas o conteúdo proposicional da oração principal é verdadeiro, podendo o da hipotática ser verdadeiro ou falso, como nos exemplos abaixo:

- (11) A decisão do STJ agradou o advogado Jader Marques, que defende Spohr, **ainda que o acusado tenha de passar pelo júri**. Marques diz que não recorrerá caso a postura do Ministério Público e da assistência de acusação seja a mesma, em relação à retirada das qualificadoras. (Corpus do Português)

- (12) Se o acordo for assinado, **mesmo que traga prejuízo aos trabalhadores**, vale como força de lei. Isso precisa ser revertido. (Corpus do Português)

Em (11) o conteúdo proposicional da oração hipotática pode ser verdadeiro ou falso, já que “o acusado pode ou não ter de passar pelo júri”. O mesmo acontece no exemplo (12), “podendo o acordo assinado trazer prejuízo aos trabalhadores ou não”.

Já nas concessivas (todas factuais), tanto o conteúdo proposicional da oração principal quanto o da subordinada são verdadeiros:

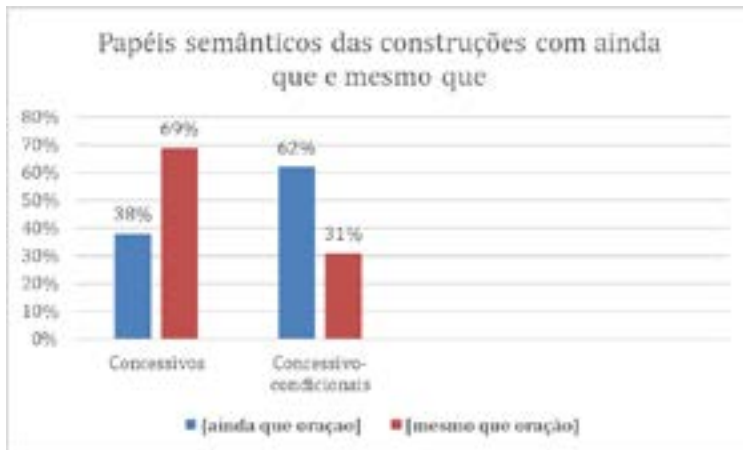
- (13) Ao TSE, a PRE/BA argumentou que o caso jamais poderia ter sido julgado em definitivo pelo TRE, **ainda que o investigado exerça atualmente cargo com foro no STF** (cargo de senador), os fatos a serem investigados teriam sido praticados antes da sua posse no Senado Federal. (Corpus do Português)

(14) A Ulefone é uma marca chinesa que possui uma vasta lista de smartphones, **mesmo que muitos deles sejam voltados para resistência**. Entretanto, alguns dos outros possuem um foco maior no custo benefício. Esse é o caso do recém-anunciado Ulefone Note 7P, uma variante do Note 7 apresentado há algum tempo, e que somente suportava a conexão 3G. Agora, esse novo modelo já traz suporte a conexão 4G. (Corpus do Português)

Nos exemplos (13) e (14) tanto o conteúdo proposicional da oração hipotática quanto o da principal são verdadeiros. Em (13), o investigado exerce o cargo com foro no STF - fato que fica claro com o termo “atualmente” sendo empregado. Em (14), a oração hipotática apresenta como verdadeiro o fato de que muitos dos smartphones são voltados para a resistência.

O gráfico 1 mostra os resultados encontrados após a análise dos 100 dados de cada construção, levando em consideração cada um dos sentidos:

Gráfico 1 - Papéis semânticos das construções com *ainda que* e *mesmo que*.



Fonte: Elaboração própria.

Vemos que o uso de [ainda que oração] com o sentido concessivo representa 62% dos dados encontrados, mostrando que a construção é mais utilizada com esse papel. Já dados analisados de [mesmo que oração] mostram que a construção é mais utilizada com o sentido concessivo-condicional, representando 69% dos dados encontrados.

Konig (1985) afirma que o uso concessivo-condicional é a base de origem para os usos concessivos propriamente dito. Santos Silva (2019), verificou que a construção com *ainda que* já era encontrada no português arcaico e tinha nos primeiros séculos de história da língua mais usos concessivo-condicionais. A partir do século XV, o uso concessivo passou a ser predominante, embora até hoje haja o uso concessivo-condicional. A construção *mesmo que*, segundo Santos Silva (2019) e Santos Silva e Cezario (2019), foi formada na língua bem mais tarde, tendo seu uso generalizado a partir do século XIX e seu sentido predominante é o concessivo-condicional até hoje.

Com relação à construção [se bem que oração], não estudamos ainda a formação da construção na história da língua, mas a análise que fizemos em *corpus* do português atual demonstra que o sentido concessivo propriamente dito é o predominante, embora haja um elemento de origem condicional na construção – o “se”.

Ainda que a gramática tradicional considere as três construções em estudo como sendo concessivas, as orações com *se bem que* têm comportamento semântico-pragmático e estrutural muito diferente das demais construções aqui analisadas, como dissemos.

Pela análise dos dados, pudemos verificar que mais importante do que marcar uma concessão, a construção [se bem que oração] é empregada para fazer um acréscimo que serve como uma argumentação forte. Muitas das vezes essas orações são empregadas como um período simples, podendo ser consideradas como orações desgarradas, conforme Rodrigues (2019). São, portanto, mais independentes do que as construções concessivas prototípicas (as orações com *embora* e *ainda que*, por exemplo).

Com relação aos papéis semântico-pragmáticos da construção com *se bem que*, detectamos três funções: a de apresentação de uma ressalva, que é a função não marcada; a de quebra de expectativa e a de mudança na condução discursiva⁵. Destacamos que, nas duas últimas funções, a função de ressalva também está presente. Então temos dados que expressam apenas ressalva, dados que expressam conjuntamente ressalva e quebra de expectativa e temos dados que expressam conjuntamente ressalva e mudança na condução discursiva. Veja com mais detalhes essa classificação com exemplos.

⁵ Essa classificação foi baseada em Santos (2003) sobre orações com *mas* e Castanheira, Cezario e Brito (2021) sobre orações com *só que* e Sant’anna (2020).

- (a) **Ressalva:** quando a construção oracional com *se bem que* contribui para que haja uma ressalva em relação ao que foi dito em outra oração, como no exemplo abaixo, em que a ressalva codificada por essa construção aparece entre parênteses:
- (15) A idéia é tratar vídeos de a mesma forma que fotos. Publicar vídeos tão pessoais quantos as fotos. Nada de conteúdo de terceiros ou material com copy-right (**se bem que nada foi dito sobre proibir esse tipo de conteúdo**). Os vídeos aparecerão lado a lado com suas fotos em o album e poderão ser taqueadas exatamente de a mesma forma que as fotos. (Corpus do Português)
- (b) **Quebra de Expectativa:** quando além da função mais básica (ressalva), a oração com *se bem que* introduz uma quebra na fluidez do discurso. Queremos dizer que há uma hibridez: a junção de ressalva com quebra da expectativa que o discurso precedente traz. Vejamos o exemplo:
- (16) o governo de luis inácio da silva que o sucedeu, pelo menos em o primeiro momento, não infligiu mudanças substanciais em o rumo de a economia. foi por essa razão que o país passou relativamente imune a as adversidades ocorridas em o cenário internacional logo quando lula assumiu o mandato. uma fez que a tempestade se debelou, a economia mundial entrou novamente em uma fase de longa prosperidade, **se bem que criada de forma artificial**. mas isso não vem a o caso em este momento! (Corpus do Português)
- (c) **Mudança de Condução Discursiva:** quando uma mudança de assunto é observada ao decorrer do discurso, em conjunto com o valor de ressalva. Vejamos o exemplo a seguir:
- (17) (...) eu creio que vou ter dificuldade de aceitar. Aceitar não, de entender, porque mesmo não aceitando, a gente se acostuma, a vida acostuma a gente. Mas não entender é não entender, sem meio termo. E entre nós, a meu ver, tudo isso continua a não fazer sentido, é como se não combinasse. Se bem que... **bom, reconheço que sou distraído, acima de a média**, e vai ver que o tempo passou na janela e só Carolina e eu não vimos, só para seguir nas chicobuarqueisses, e você bem pode ter deixado um monte de sinais espalhados por aí, mas eu não me dei conta. (Corpus do Português)

O gráfico 2 demonstra que 64,7% dos dados expressam ressalva em relação ao discurso precedente; 28,3 dos dados têm, além do valor de ressalva, o papel de indicar uma quebra de expectativa e por fim 7% dos dados expressam ressalva e marcam uma mudança na condução discursiva.

Gráfico 2 - Usos da construção [se bem que oração]



Fonte: Elaboração própria.

Como já mencionado, Neves (1999) aponta que as conjunções concessivas são identificadas quando os conteúdos proposicionais expressos tanto pela oração principal como pela oração subordinada são verdadeiros, ou seja, factuais. Sendo assim, conectivos como *embora*, *apesar (de) que* e *se bem que* estabelecem relações concessivas factuais, como no exemplo abaixo:

- (18) O abuso sexual de menores não é só um delito canônico, mas também um crime perseguido por a autoridade civil. **Se bem que** as relações com as autoridades civis sejam diferentes em os diversos países, é contudo importante cooperar com elas em o âmbito de as respectivas competências. (Corpus do Português)

Nas construções concessivo-condicionais, como vimos, teríamos apenas o conteúdo da proposição principal como verdadeiro. O conteúdo da oração hipotática, portanto, seria hipotético. De acordo com a autora, conectivos como *mesmo que*, *ainda que* e *por mais que* podem aparecer sob a forma de concessivas factuais como também concessivas eventuais (*condicional-concessivas*).

Feita essa apresentação dos aspectos semânticos das duas construções, seguiremos com a análise da estrutura informacional, posição da oração em relação à oração matriz, factualidade e outras informações relevantes.

Uma das características das orações hipotáticas é a possibilidade de ocorrer antes ou depois da oração matriz. Essa variação posicional pode ser verificada com relação às construções com *ainda que* e *mesmo que*: 63% dos dados com *ainda que* ocorrem em posição anteposta à oração matriz; enquanto a maioria dos dados com *mesmo que* – 61% – ocorrem depois da oração matriz. Esse resultado aponta para uma maior independência pragmática e sintática da construção com *mesmo que*.

Com relação aos dados com *se bem que*, ocorre apenas a possibilidade de ocorrência em posição posposta à oração matriz ou mesmo a todo um conjunto de informações dadas no discurso precedente (exemplo 19), havendo apenas um dado em que nos pareceu que a oração com *se bem que* estava anteposta à matriz, que é o exemplo (20) abaixo.

(19) Tenho em mente, deslocar-me para o Planalto Central, porem apos ver essas afirmações, **se bem que**, como relatadas, não devem ser aferidas, **gostaria de saber** se a Capital federal realmente ficaria em um setor relativamente seguro... (Corpus do Português)

(20) O abuso sexual de menores não é só um delito canônico, mas também um crime perseguido por a autoridade civil. **Se bem que as relações com as autoridades civis sejam diferentes em os diversos países**, é contudo importante cooperar com elas em o âmbito de as respectivas competências. (Corpus do Português)

É muito comum nos blogs haver um ponto final entre a oração matriz e a oração hipotática com *se bem que*, algo que vai contra as regras de pontuação. Então nossa primeira conclusão era a de que a oração “Se bem que as relações com as autoridades civis sejam diferentes em os diversos países” era hipotática ao período anterior. Mas, numa segunda leitura, percebemos que a interpretação poderia ser diferente: a oração hipotática concessiva poderia ter como matriz a oração “é contudo importante cooperar com elas em o âmbito de as respectivas

competências”. Neste caso, esse seria um único dado na amostra em posição anterior à matriz.

Fizemos um cruzamento entre posição das orações com *ainda que* e *mesmo que* e seu papel na estrutura informacional, observando a hipótese de Diessel (2013) de que as orações adverbiais antepostas devem trazer informação pressuposta e as orações pospostas devem apresentar informação não-pressuposta. Como a construção [[se bem que] oração]] categoricamente (desconsiderando o dado exemplificado em 20) é emitida em posição posposta à matriz, não fizemos esse cruzamento com os dados dessa construção. Essa construção apresenta também quase categoricamente informações não-pressupostas, pois, quando o escritor/falante faz uma ressalva (seu papel semântico predominante) há sempre alguma informação nova a ser expressa.

Os resultados de nossa análise com *ainda que* e *mesmo que* mostram que a maioria dos dados apresenta orações concessivas com informação não-pressuposta, o que é algo que não esperávamos, dado o que é afirmado na literatura sobre essa classe de adverbiais. A seguir há exemplos com construção adverbial com informação pragmaticamente pressuposta e não-pressuposta, respectivamente:

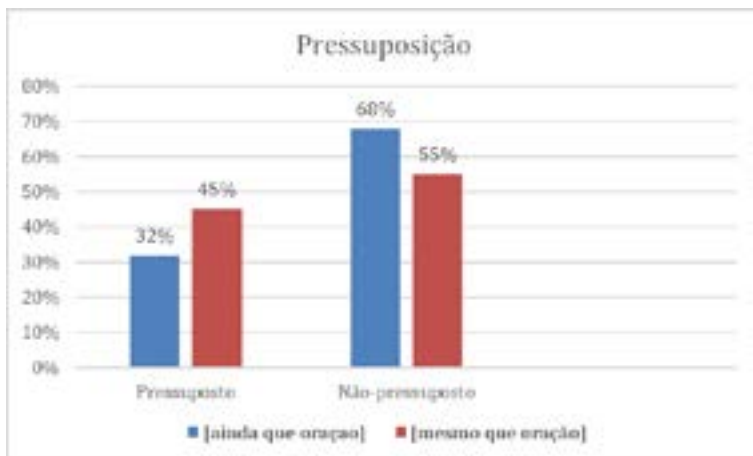
- (21) Depois de analisar amostras de tecido de 278 bebês que morreram sem causa aparente, que foram classificados como vítimas da síndrome da morte súbita, e compará-los com o material genético de 729 adultos saudáveis, os cientistas encontraram quatro casos de ocorrência desta mutação nos bebês e nenhuma nos adultos. **Ainda que apenas 4 possam parecer pouco**, neste caso o número é significativo: normalmente, encontram-se apenas 5 casos desta mutação rara em cada 100 mil pessoas. A mutação está relacionada com uma série de problemas neuromusculares genéticos e com dificuldades respiratórias. (Corpus do Português)
- (22) Johnny Depp abriu recentemente o coração para fazer revelações inéditas sobre o polêmico término de relação com Amber Heard. **Ainda que não possa falar diretamente da ex-companheira**, devido a um contrato assinado por ambos, o ator revelou como se sentiu durante a separação. (Corpus do Português)

Em (21), a oração com *ainda que* traz uma informação pressuposta, primeiro porque a informação de que eram 4 bebês já havia sido informada e depois num universo de 278 bebês é de se inferir que as

peças possam achar 4 um número baixo. Já no exemplo (22) a oração com *ainda que* introduz uma informação que não ocorre no discurso antecedente e não pode ser inferida desse discurso: a de que Johnny Depp não pode falar diretamente da ex-companheira. Inclusive o escritor sente a necessidade de explicar a razão disso: devido a um contrato assinado por ambos. Sendo assim, consideramos a oração com *ainda que* como tendo uma informação não-pressuposta.

O gráfico abaixo demonstra que a construção com *ainda que* tende a apresentar informação que não pode ser recuperada pelo leitor por inferência ou por ter sido mencionada (68% dos dados com *ainda que* são não-pressupostos) contra 32% de dados com informação pressuposta. Já a construção com *mesmo que* tem uma diferença menor entre os tipos de informação, com 45% de orações pressupostas e 55% de não-pressupostas. Em outras palavras, podemos concluir que, quando o escritor apresenta informação completamente nova, há preferência pelo uso de construção com *mesmo que* em detrimento do uso com *ainda que*.

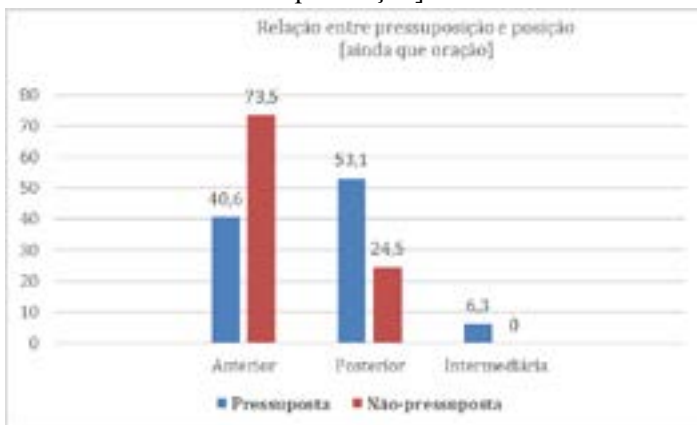
Gráfico 3 - Estrutura da informação com [ainda que oração] e com [mesmo que oração]



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico a seguir apresenta o resultado da correlação entre ordem e pressuposição nos usos da construção oracional com *ainda que* e demonstra que o comportamento de nossos dados refuta as tendências apresentadas por Diessel (2013) sobre a relação entre arranjo linear e pressuposição:

Gráfico 4 - Relação entre arranjo linear e estrutura da informação - [ainda que oração]

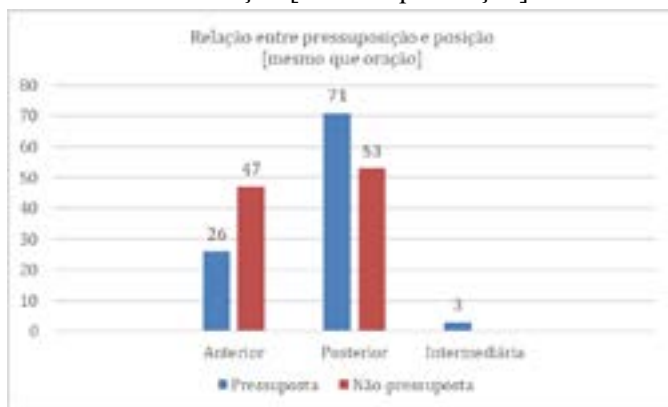


Fonte: Elaboração própria.

Nossos resultados demonstram que informação pressuposta com *ainda que* tem ligeira preferência pela posição posposta à oração matriz (53,1%) e a informação não-pressuposta tem tendência alta (73,5%) a ocorrer na posição anteposta, o que contraria muito o esperado. Não queremos dizer que as observações de Diessel estão incorretas, mas que é preciso ver cada subesquema das orações adverbiais e cada tipo de oração tendo em vista o elemento que preenche o slot do conector.

O gráfico 5 se refere às informações sobre a construção com *mesmo que*:

Gráfico 5 - Relação entre arranjo linear e estrutura da informação da construção [mesmo que oração]

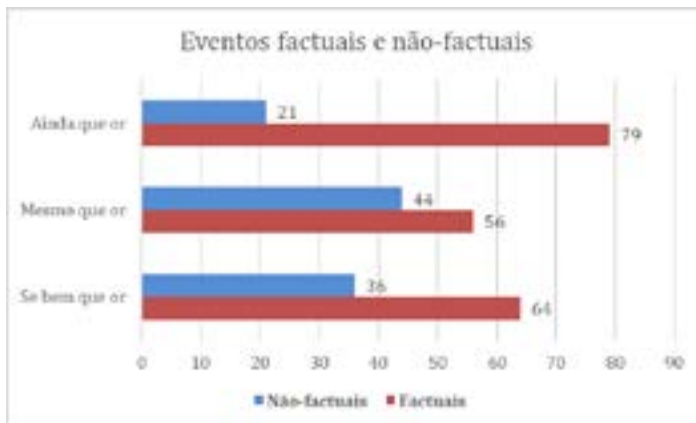


Fonte: Elaboração própria.

O gráfico demonstra que, conforme a hipótese apresentada por Diessel (2013), com base em pesquisas de várias línguas, a informação presuposta em dados com *mesmo que* tende a ocorrer em posição posposta à matriz (71%), e, contrariando nossas expectativas, as informações não-presupostas não têm posição predominante, com 53% dos dados na posição posposta.

Com relação à análise da factualidade, as orações concessivas propriamente ditas apresentam eventos factuais e as concessivo-condicionais são não-factuais. Comparando as três construções em análise—construções com *ainda que*, *mesmo que* e *se bem que*, vemos que a tendência geral é o uso de orações factuais, como é mostrado no gráfico 6.

Gráfico 6 - Análise de factualidade nas três construções.



Fonte: Elaboração própria.

As orações que mais apresentam informações factuais são as que instanciam a construção [*ainda que* oração], com 79% de seus dados, como no exemplo abaixo:

- (23) Sob curadoria de Marcos Moraes, a coleção traz alguns nomes muito caros à história da arte e de apelo imediato ao grande público, como Rembrandt van Rijn (1606–1669) e Edvard Munch (1863–1944). **Ainda que esses dois queridos camaradas sejam atualmente mais lembrados em relação à pintura do que necessariamente à gravura**, ambos desenvolveram em suas trajetórias importante trabalho em gravação. (Corpus do Português)

Pelo gráfico, vemos que as orações com *mesmo que* são mais subjetivas, pois apresentam, em comparação com as outras duas construções, um número bem maior de orações que expressam eventualidade, isto é, informação não-factual, como em (24). Observemos que há o dobro de dados com informação não-factual em orações iniciadas com *mesmo que* (44%) em relação às iniciadas *ainda que* (21%). Costumam, assim, mais frequentemente funcionar como um construtor de um espaço mental relacionado à hipótese:

- (24) Pelo que foi comentado, o conceito idealizado por David Breyer é “não apenas muito parecido, mas idêntico a um dos protótipos”, que demonstra que **mesmo que a Microsoft acabe não indo adiante com ele**, ao menos alguns de seus elementos serão vistos na versão final do aparelho. (Corpus do Português)

Orações com *se bem que*, diferentemente das construções concessivas prototípicas, como as apresentadas na seção anterior, ocorrem quase categoricamente em posição posterior à oração matriz ou ocorrem desgarradas, conforme mostraremos. Elas são, portanto, mais independentes do que as demais e, neste ponto, têm características que as aproximam de orações coordenadas ou justapostas.

Diessel (2013) demonstra que, nas línguas, as orações que ocorrem antes da matriz têm dependência maior, preparando o leitor para a informação que é apresentada na oração matriz. Já as orações que são pospostas são mais independentes do ponto de vista semântico e entonacional. E é isso exatamente que acontece com a construção com *se bem que*.

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar que muitos dados encontrados com *se bem que* se configuram como o que Decat (2009, 2011) e Rodrigues (2019) denominam desgarramento, que se refere a “‘blocos de informação’ que o usuário da língua pode focalizar de uma única vez, os quais são identificados de diversas maneiras” (DECAT, 2009, p. 114). O termo desgarramento “refere-se, aqui, à ocorrência desgarrada de uma estrutura, produzida pelo falante/escritor já como uma estrutura não anexada sintaticamente ao que a antecede” (DECAT, 2009, p.114). Esse processo está ligado ao processo de focalização de orações e ocorre com orações substantivas, adverbiais e adjetivas. A ocorrência de estrutura desgarrada envolve a sua não anexação à oração principal ou a separação por fronteiras prosódicas ou por pontuação. Um exemplo de oração desgarrada com *se bem que* pode ser visto abaixo:

- (25) justificativa para minha própria conduta pecaminosa. Um exemplo de isto, que eu vejo, é em a questão de o jugo desigual (isto é, uma pessoa cristã se relacionar amorosamente com alguém que não possui compromisso com a fé cristã): muitos acabam cedendo a este “« laço “», e justificam-se com o argumento de que muitas pessoas dentro de a igreja “« não tem caráter “», e aquela pessoa que encontrou, tem e a faz feliz, e é só isto que importa. Ou seja, usam um erro para justificar outro. **Se bem que isso já seria um assunto para um outro post...** (<http://apenas1.wordpress.com/2011/09/19/o-pecado-supremo-na-igreja-evangelica-pensar/>)

No dado (25), o escritor usa, num período simples, a construção com *se bem que* e assim fecha o texto de seu blog. A oração se inicia depois de um ponto final e termina com reticências, sem qualquer dependência sintática com o que foi apresentado antes.

Na escrita, o desgarramento fica muito evidente, por causa da pontuação, que comprova se tratar de uma oração independente sintaticamente do que poderia ser a oração matriz. O fato de haver muitas ocorrências de orações com *se bem que* desgarradas nos leva à conclusão de que esse tipo de construção se aproxima de orações independentes como as coordenadas ou dos períodos simples. Mais uma vez, podemos dizer que construções com *se bem que* não se caracterizam como uma oração hipotática concessiva típica como as com *ainda que* e *mesmo que*, contrariando a visão das gramáticas tradicionais, que as colocam na mesma categoria.

Analisamos os itens verbais das orações em análise para verificar se havia algum padrão para cada tipo de oração. No caso da construção [se bem que oração], os itens verbais encontrados foram muito variados, não havendo um uso mais frequente. As orações com *ainda que* e com *mesmo que*, apresentam os verbos *ser* e *estar* como os mais frequentes, sendo verbos menos nocionais, mais relacionais. As orações com *ainda que* apresentam maior variação de tipos de verbos – inclusive com verbos materiais, como *fazer* – do que as orações com *mesmo que* que concentram seus dados dentro da semântica de verbos relacionais (SANTOS SILVA, 2021).

Por fim, os dados com *ainda que* e *mesmo que* tiveram sempre o verbo no subjuntivo (como nos exemplos 23 e 24 acima), demonstrando maior vínculo com a oração matriz. Já os dados com *se bem que* apresentaram 82,2% de verbos no indicativo (como em 25), o que aproxima a construção com *se bem que* das construções coordenadas e desgarradas.

Vemos que, embora essas três microconstruções sejam consideradas pela Gramática Tradicional como sinônimas, elas têm especificidades que são demonstradas a partir da frequência de uso de uma delas em diferentes contextos. Ou seja, há algum tipo de tendência para um uso de uma ou outra construção a partir dos objetivos comunicativos dos falantes, mesmo que não haja uma consciência sobre essas diferenças. Trousdale (2021), ao estudar os usos de *nonetheless* e *nevertheless*, verificou que, embora haja diferenças de tendências de usos desses marcadores discursivos, os falantes nativos de modo geral não percebem diferenças semântico-pragmáticas.

4 Conclusões

A tabela 1 apresenta uma comparação geral dos usos das três construções tradicionalmente consideradas concessivas:

Tabela 1: Comparação entre os usos de [ainda que oração], [mesmo que oração] e [se bem que oração]

Fatores analisados	Ainda que or	Mesmo que or	Se bem que or
Informação pressuposta	32%	45 %	10%
Informação factual	79%	56%	63,6%
Posição posposta	61%	35%	100%
Papel semântico-pragmático mais comum	Concessivo	Concessivo-condicional	Ressalva
Espaço mental	Conteúdo (- subjetivo)	Epistêmico (+ subjetivo)	Conteúdo (-subjetivo)
Modo verbal predominante	Subjuntivo	Subjuntivo	Indicativo
Processo	Hipotaxe	Hipotaxe	Hipotaxe e desgarramento
Itens verbais mais frequentes	Ser, estar, ter e fazer.	Ser e estar	Variados, não havendo predominância de um tipo.

Fonte: Elaboração própria.

Observemos as tendências, a partir da tabela:

- a) A construção com *ainda que* tem mais orações factuais, demonstrando menor subjetividade do que a construção com *mesmo que* e *se bem que*.
- b) As construções com *ainda que* têm alta tendência de ocorrer na posição posposta, enquanto a oração com *mesmo que* tende a ocorrer em posição antecedente à matriz. A construção com *se bem que* ocorre categoricamente na posição posposta à oração matriz, o que neste quesito a aproxima muito de orações coordenadas sindéticas, que sempre vêm depois de outras coordenadas.

- c) As orações analisadas tendem a expressar informação não-pressuposta, o que não era esperado de modo geral. Com relação à construção com *se bem que* entendemos que, como seu papel principal é apresentar uma ressalva, essa traz uma informação não-pressuposta no discurso antecedente.
- d) Um resultado muito interessante que encontramos, já num âmbito mais formal, foi a tendência de uso do modo indicativo nas orações com *se bem que* – 82,2% dos dados –, o que mais uma vez aproxima essa construção de construções oracionais mais independentes como as coordenadas. Oorações concessivas típicas, como as introduzidas por *embora*, são usadas com verbo no modo subjuntivo e expressam subjetividade. Nossos dados com *ainda que* e *mesmo que* apresentam categoricamente verbos no subjuntivo.
- e) A construção oracional mais subjetiva – [mesmo que oração] concentra uma frequência alta de dados com os verbos *ser* e *estar* – verbos relacionais, menos nocionais. A construção [ainda que oração] também tem maior frequência de usos de *ser* e *estar*, mas tem também verbos com sentido de posse (*ter*) e verbos materiais (como *fazer*). A construção [se bem que oração] não tem um padrão de uso de itens lexicais no slot V.
- f) Por fim, podemos dizer que as orações com *mesmo que* e *ainda que* se enquadram bem no processo da hipotaxe e a construção com *se bem que* está num ponto do contínuo entre coordenação e hipotaxe, podendo ainda ser orações desgarradas.

As três construções são instanciações de uma construção maior, que é a construção oracional adverbial. Estão relacionadas, por serem variantes em determinados contextos e por terem importante papel num plano discursivo de fundo muito distante do plano figura. No entanto, há diferenças formais e pragmáticas entre elas, sendo que a construção iniciada por *se bem que* tem link mais forte com construções paratáticas e as demais, com construções hipotáticas concessivas mais prototípicas.

Consideramos que as orações com *ainda que*, *mesmo que* e *se bem que* sejam instanciações de construção hipotática concessiva. Mas [se bem que oração] tem um comportamento que a aproxima das construções coordenadas: elas ocorrem quase que categoricamente depois da oração com a qual se ligam; e muitas vezes estão num período

simples. Mais do que apresentar uma concessão, a oração com *se bem que* normalmente serve para fazer uma ressalva a tudo o que vinha sendo apresentado no discurso precedente. Esses resultados na verdade não são problemas numa abordagem baseada no uso, pois sabemos que as categorias não são discretas, havendo na verdade um contínuo categorial. Essa ideia já estava bastante presente em Hopper e Traugott (1993), ao demonstrarem o contínuo entre orações justapostas, coordenadas, hipotáticas e subordinadas. Além disso, a concepção de gramática como rede de construções ligadas por links de diferentes tipos nos permite compreender o nó da construção oracional iniciadas por *ainda que* é mais próximo do nó de uma oração com *mesmo que* do que com *se bem que*. É que o nó dessa última tem links estreitos também com orações paratáticas. Estudos futuros podem aprofundar o estudo das diferenças de uso de [se bem que oração], confrontando usos em orações hipotáticas e em desgarradas.

O estudo comparativo da frequência de uso feito para esta pesquisa foi muito relevante na medida em que demonstrou que, em fenômenos como o que estudamos, as escolhas linguísticas só podem ser explicadas através da análise das tendências de uso. Os falantes, mesmo de modo inconsciente, tendem a repetir padrões (BYBEE, 2010; TROUSDALE, 2021), acessando uma construção de um grupo disponível de construções (ou seja, de um paradigma) tendo em vista os contextos discursivos, pragmáticos e estruturais em que a construção normalmente ocorre.

Declaração de autoria

Maria Maura Cezario participou da realização do projeto, da escolha dos parâmetros de análise, da análise dos dados e dos resultados. Thiago Santos Silva coletou e analisou os dados das construções [ainda que oração] e [mesmo que oração]. Também analisou os resultados acerca dos usos dessas duas construções. Ambos os pesquisadores delinearam a metodologia e os pressupostos teóricos e escreveram juntos o artigo. Juliana Sant'anna coletou e analisou os dados e os resultados da pesquisa acerca da construção [se bem que], sob a orientação de Maria Maura Cezario.

Referências

BARTH, D. "That's true, although not really, but still": Expressing concession in spoken English. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.). *Cause - condition - concession - contrast: cognitive and discourse*

perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 411-438.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CEZARIO, M.M. *Uses of adverbial clauses introduced by [sempre que] and [toda vez que] in Portuguese*. In: UK COGNITIVE LINGUISTICS CONFERENCE, 2020. *Proceedings...* Birmingham: Universidade de Birmingham, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343514713_USES_OF_ADVERBIAL_CLAUSES_INTRODUCED_BY_sempre_que_OR_by_toda_vez_que_IN_BRAZILIAN_PORTUGUESE_POSTER_-to_a_virtual_conference_Prof_MARIA_MAURA_CEZARIO_UFRJUFRNCNPqCAPESDG_-Rio_de_Janeiro-Brazil

CEZARIO, M.M. *A construção com oração adverbial*. 2020. Natal.f. 50. Relatório (Estágio de Pós-doutoramento) – Curso de Letras/CCHLA, UFRN, CAPES, 2020.

CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em Português. *Solettras*, São Gonçalo, n. 37, v. 1, p. 113-154, 2019. DOI: 10.12957/solettras.2019.38444

CEZARIO, M.M.; ALONSO, K; CASTANHEIRA, D. *Linguística Baseada no Uso: Explorando Métodos, Construindo Caminhos*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020.

CEZARIO, M.M. *Variação do sujeito na primeira pessoa do singular*. 1995. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: CHAFE, W. L; LI, C. N (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 25-55

CONCEIÇÃO, P. T. *Planos discursivos em diferentes níveis de escolaridade: estudo de recontagem de Figura e Fundo*. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFRJ, 2010.

COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.) *Cause - condition - concession - contrast: cognitive and discourse perspectives*. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.

CREVELS, M. Concessives on different semantic levels: A typological perspective. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.). *Cause - condition - concession - contrast: cognitive and discourse perspectives*. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 313-340.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Constructions with if, since, and because: Causality, III epistemic stance, and clause order. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.) *Cause - condition - concession - contrast: cognitive and discourse perspectives*. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 111-142.

DECAT, M. B. N. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes Editora, 2011.

DECAT, M. B. N. A função focalizadora de estruturas “desgarradas” no português falado e escrito: um estudo funcionalista de orações em sua ocorrência como enunciado independente. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2, 2009, Évora. Anais... Évora, 2009. p.114-134.

DIESEL, H. Adverbial subordination. In: Silvia Luraghi; Claudia Parodi (eds). *Bloomsbury Companion to Syntax*. London: Bloomsbury Academic, 2013. p. 341-353.

DIESEL, H. *The Grammar Network: linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M.A.; BISPO, E.; SILVA, J.R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M.A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2013. p. 53-78.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1990.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.
- GOSKY, E. *Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais*. 1985140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, 1985.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOPPER, P.J. Aspect and Foregrounding in Discourse. In: Givón, T. (ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979. p.213-41.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. A. Toward a model of text comprehension and production. *Psychological Review*, Washington, v. 85, n. 5, p. 363–394, 1978. DOI: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.85.5.363>
- KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, v.66, n.1, p. 1-19, 1985. DOI: 10.1016/S0024-3841(85)90240-2
- KÖNIG, E. Concessive Clauses. In: ASHER, R. E. (ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon, 1994. p. 679-681.
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representation of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.
- LI, C.; THOMPSON, S. Third Person Pronouns in Zero-Anaphora in Chinese Discourse. In: GIVON, T. (ed.). *Syntax and Semantics*, v 12: Discourse and Syntax. New York: Academic Press, 1979. p. 311–335.
- MAAT, H. P.; SANDERS, T. Domains of use or subjectivity? The distribution of three Dutch causal connectives explained. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.). *Cause - condition - concession - contrast: cognitive and discourse perspectives*. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 57-82.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Língua, Sociedade e relações de poder: a produção escrita de surdos. In: FREITAS JUNIOR, R; SÓARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S. (orgs.). *Aprendizes surdos e escrita em L2:*

reflexões teóricas e práticas [livro eletrônico]. 1ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. p. 36-56.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MYER, P. G. The relevance of causality. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.). *Cause - condition - concession - contrast: cognitive and discourse perspectives*. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 9-34.

NEVES, M. H. M. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado: Novos estudos*. v. 7. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 545-591.

NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do português*. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2011.

NOORDMAN, L. G. M.; BLIJZER, F. On the processing of causal relations. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.) *Cause - condition - concession - contrast: cognitive and discourse perspectives*. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 35-56.

PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. 1988. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 281-297.

RODRIGUES, V. (org) *Desgarramento de cláusulas em português : usos e descrição*. São Paulo: Blucher, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. (2016). Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 60, n. 2, p. 233-259. DOI: 10.1590/1981-5794-1608-1.

SANT'ANNA, J. S. *Usos de orações hipotáticas introduzidas por [se bem que] no português brasileiro contemporâneo*. 2020. 30 f. Monografia (Bacharelado em Português-Literaturas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2020.

SANTOS SILVA, T. *A formação de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [XQUE] em português: uma análise construcional de mudança*. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS SILVA, T. Formação dos conectores contrastivos *ainda que e mesmo que*: uma análise construcional. In: Cezario, M.M; Alonso, K.S;

Castanheira, D. (org.). *Linguística Baseada no Uso: Explorando Métodos, Construindo Caminhos*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020. p. 185-202.

SANTOS SILVA, T. *O domínio da concessão: uma análise do uso de construções oracionais do esquema [[X QUE (S) V (C)] ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL em português e espanhol*. 2021. 50 f. Texto de Qualificação (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras UFRJ, 2021.

SANTOS SILVA, T.; CEZARIO, M.M. Construcionalização e competição de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [Xque] em português. *Revista Odisseia*, Natal, v. 4, n. Esp., p. 132 – 153, 2019. DOI: 10.21680/1983-2435.2019

SILVEIRA, E. *Relevância em Narrativas Oraís*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

SILVEIRA, E. *O aluno entende o que se diz na escola?* Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. (Near) mergers in constructional change: the history of the English discourse markers nonetheless and nevertheless. In: IV CONECT VIRTUAL, 2021. *Proceedings...* Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021 Disponível em <https://youtu.be/P75J0dcJ2fc>.

VAN DIJK, T. A. Episodes as units of discourse analysis. In: TANNEN, D. (ed.). *Analyzing discourse: text and talk*. Georgetown: Georgetown University Press, 1982. p. 177–195

VERHAGEN, A. Concession implies causality, though in some other space. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.) *Cause - condition - concession - contrast: cognitive and discourse perspectives*. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 361-380.